



Visita de Estudo SPEA às Canárias 2017

18 a 24 de fevereiro de 2017

Participantes:

Cristina Maria Girão Vieira, Maria da Graça Lima, Nuno Branco de Macedo, Maria Teresa Lacasta Macedo, George Everett & Margarita Gonzalez Pintor

Guia SPEA:

Domingos Leitão

Organização:

Domingos Leitão & Alexandra Lopes

Relatório e listas:

Domingos Leitão & George Everett

Foto da capa:

Hubara (*Chlamydotis undulata*), eleita pelos participantes como a ave da visita
(Foto: Nuno Branco de Macedo)

Esta foi uma visita de estudo ornitológico de sete dias (seis noites) às Canárias, organizada pela SPEA, para os seus sócios. Utilizámos como bases o Hotel Rural Mahoh, em Villaverde, Fuerteventura, e o Hotel Rural Victoria, em La Orotava, Tenerife. Foi possível aos participantes conhecerem duas das ilhas deste arquipélago extraordinário, as espécies de aves e os seus habitats, num ambiente calmo e descontraído.

ITINERÁRIO

Dia 1 – Sábado, dia 18 de fevereiro: viagem Lisboa–Madrid-Fuerteventura

O ponto de encontro era no Aeroporto Internacional de Lisboa, mas sem o guia e autor destas palavras. O Domingos já se encontrava na ilha, e o grupo fez sozinho o percurso Lisboa-Madrid-Fuerteventura, num voo AirEuropa. Mas todos no grupo são viajantes experimentados, e tudo correu sem sobressaltos. A meio da tarde estavam todos no aeroporto de Fuerteventura, prontos para mais uma aventura ornitológica. Carregada a carrinha com as malas, seguimos para La Oliva, na zona norte da ilha, onde ficava o nosso hotel.

O Hotel Rural Mahoh era um hotel rústico, com muita pedra e madeira e um ambiente familiar. Fomos dar um pequeno passeio crepuscular, que deu para apanhar o ambiente rural da ilha, com cães a ladrar e alcaravões a cantar. O restaurante era bastante popular e por isso havia sempre muita gente ao jantar. Uma certa diversidade nos menus de grupo, alguma confusão do empregado, mas no final todos obtiveram uma bela refeição, a fechar um dia essencialmente de viagem.

Dia 2 – Domingos, dia 19 de fevereiro: planície de Tindaya e embalse de los Molinos

O dia começou com céu nebulado e aguaceiros. O pequeno-almoço foi cedo, porque o nosso objectivo do dia eram as hubaras, e para esta ave o dia começa sempre cedo. Rumamos à planície de Tindaya, uma planície costeira pedregosa, que rodeia a montanha com o mesmo nome, a agulha vulcânica mais antiga da ilha. Mal saímos da aldeia de Tindaya e entramos nos estradões de terra-batida, começaram a aparecer aves interessantes, poupa, picanço-real, corre-caminhos e um coro de calhandrinhas-das-marismas. Parámos num pequeno cruzamento sobre-elevado, para varrer o horizonte na busca de hubaras. Mas não foi preciso, pois uns minutos depois dois machos passaram em passo lento a menos de 10 metros da carrinha, para estupefacção de todos no grupo. Huau! Era a expressão mais ouvida. Refeitos do choque emocional de ver uma das aves mais belas e mais raras do paleártico, ali à distância de uma corrida, continuamos o nosso circuito de busca entre pedras e arbustos rasteiros. A busca produziu bons resultados, sobre a forma de àguia-de-asa-redonda, mais de 10 corredeiras e mais duas hubaras, entre elas um macho de gola branca, incansável na sua corrida nupcial circular. Um espectáculo!

Aproximava-se a hora do piquenique, e descemos para o barranco de Esquinzo, na busca da caldeireta, um cartaxo endémico de Fuerteventura, e de um local aprazível para a “sandocha”. O cartaxo não apareceu, em vez dele apareceram as primeiras toutinegras-tomilheiras e um migrador de passagem, a andorinha-das-barreiras. Mas o local aprazível foi encontrado, juntos de um pequeno charco temporário e à sombra de enormes tramagueiras. Depois do piquenique tivemos um momento de exploração da flora e da entomofauna extremamente interessantes que podem ser encontradas em redor dos pontos de água da ilha, que é a mais seca das Canárias. Saímos do barranco na direcção de El Cotillo, a pensar já no café. Mas ainda havia mais surpresas. Uns minutos mais à frente, novo encontro com hubaras, primeiro um macho e depois uma fêmea com dois pintos. Definitivamente este era o melhor dia de hubaras que este narrador já teve. Próximo da praia parámos junto a um velho muro para procurar esquilos terrestres. Eles não se fizeram

rogados, e vieram mais de 10, atraídos pelos frutos secos da Margarita. É impossível resistir ao encanto destes pequenos pedinchões riscadinhos. Depois seguimos para um merecido café, na nobre vila de La Oliva. O local escolhido foi uma esplanada no adro da igreja, com o seu imponente campanário de pedra.



Esquilo-terrestre *Atlantoxerus getulus*. Foto: Domingos Leitão

Depois do café fomos explorar o açude de Los Molinos, na busca de aves aquáticas, caldeireta e britango. A tarde estava muito ventosa e com alguns aguaceiros, o que dificultou a observação de aves. As caldeiretas apareceram, mas eram dois juvenis. Vimos também alguns trombeteiros, dois cortiços-de-barriga-preta, e mais um migrador de passagem, o chasco-cinzentos. Vimos também muitas aves aquáticas: patos-casarca, marrequinha, galeirões, pernilongos, borrelho-pequeno-de-coleira e maçarico-das-rochas. Nada mau para uma ilha sem água. Mas o britango não apareceu. Ainda fomos procurá-lo mais a jusante no barranco, mas só vimos corvos.

O fim da tarde chegou e regressámos ao hotel, para um merecido descanso e degustação de um tinto que a Graça nos ofereceu. Bebemos o vinho debaixo de um chapéu na “terraza” do hotel, entre dois dedos de conversa e alguns chuviscos. Um momento delicioso de convívio, depois de um dia inesquecível. O jantar foi animado, como seria de esperar, e fomos todos dormir claramente cansados.

Dia 3 – Segunda-feira, dia 20 de fevereiro: Vega do rio Palmas, Betancuria e Jandia

O dia começou cedo, mas nebulado e com aguaceiros fortes. Depois do pequeno-almoço, seguimos para a zona montanhosa de Betancuria, com destino à Vega do rio Palmas. Fizemos uma paragem no monumento aos Guanches, os habitantes nativos das Canárias. Aproveitámos para admirar a magnífica vista da parte norte da ilha e a Cristina aproveitou para travar amizade com as enormes estátuas do monumento. Chegamos ao vale do rio Palmas, para além da inesquecível beleza magrebina da paisagem, fomos brindados com passarada em catadupa. Desfilaram por nós um britango adulto, rola-dos-palmares, andorinhão-da-serra, toutinegra-tomilheira e chapim-azul-africano. Também algumas espécies invernantes, como o pisco-de-peito-ruivo e a felosinha-comum. Um autêntico festival ornitológico, que nos animou a continuar pelo meio dos palmares e dos tramagais, até ao pequeno açude de Las Peñitas. No caminho ouvimos rola-brava, que vai sendo cada vez mais rara em Portugal, e vimos quatro perdizes-mouriscas. Também uma borboleta amarela, que mais tarde vimos tratar-se de uma espécie norte-africana rara na ilha (*Euchloe charltonia*). Detectamos também um casal de caldeiretas, junto ao paredão do açude. Mas sendo aves pequenas e esquivas, no meio de tanta rocha, a seu visionamento pelo grupo foi difícil.



Grupo na Vega do rio Palmas. Foto: Domingos Leitão

De regresso ao carro, seguimos para Betancuria, a vila mais antiga e a primeira capital da ilha. Um presépio de casas antigas bem conservadas, que atrai inúmeros turistas. Piquenizamos no jardim em frente à igreja, com vista para borboletas-monarca, que por ali esvoaçavam. Nesta altura, talvez devido ao deslumbre, o grupo separou-se e foram tomar café uns para cada lado. Voltamos a encontrar-nos na carrinha à hora de partir, e seguimos para sul, na direcção de Pájara.

Fizemos uma paragem em Pájara, para admirar a igreja, que é uma fusão de duas igrejas de diferentes idades. Chegamos às imensas dunas do Parque Natural de Jandia, deparamo-nos com um enorme vendaval, que nos impediu de observar aves. Mas ensinou sobre a origem daquela paisagem espectacular, de areia e vento. Depois de identificar as pequenas “almofadas” floridas, que se revelaram uma corriola de nome excêntrico, *Convolvus caput-medusae*, decidimos abandonar o deserto de areia e seguir para as praias da Costa Calma. Sem dúvida um nome sugestivo, no meio da tempestade. Fomos procurar aves aquáticas na lagoa costeira junto ao complexo hoteleiro de Los Gorrones. A lagoa estava quase seca, mas mesmo assim ainda conseguimos detectar quatro colhereiros e cerca de 10 borrelhos-de-coleira-interrompida. Depois terminámos a tarde entre os “praieiros” anglo-saxónicos do hotel na busca do tuta-de-ventre-rosado, uma espécie de origem asiática que se fixou no sul de Fuerteventura. Entre pardais-espanhois, pintassilgos e pintarroxos, lá detectamos alguns desses pássaros exóticos de ventre vermelho. O dia estava terminado e tínhamos uma hora de viagem até ao nosso hotel. Para jantar tínhamos encomendado *paella*, uma especialidade do restaurante Mahoh, que se revelou nada de especial. Fomos dormir, já com outra ilha no pensamento.

Dia 4 – Terça-feira, dia 21 de fevereiro: Barranco de la Torre e voo para Tenerife

Hoje saímos com malas, pois iríamos mudar de ilha e, consequentemente, de hotel. Mas ainda tínhamos uma manhã de observação de aves em Fuerteventura. Fomos directos ao açude de Rosa del Taro, na tentativa de ver algumas aves aquáticas. Mas não vimos nada mais especial do que galeirão, pato-casarca, picanço-real, corre-caminhos e trigueirão. Estava frio e vento, e por isso decidimos ir para o próximo sítio. Na saída fomos interpelados por um vigilante da natureza, que nos alertou para a importância de não perturbar as zonas

húmidas em época de nidificação. Seguimos para um local a sul do aeroporto, o Barranco de la Torre, mais giro, mais abrigado e possivelmente com espécies mais interessantes. Boas observações de trombeteiro, de toutinegra-tomilheira e águia-de-asa-redonda. Na hora de almoço fomos piquenicar nas salinas del Carmen, onde vimos perna-vermelha, uma multidão de esquilos-terrestres e uma lagartixa endémica de Fuerteventura e Lanzarote. Pelas 13:30h estávamos no aeroporto, para um curto voo de 50 minutos para Tenerife, que deveria sair pelas três e meia.

O avião saiu à hora, o voo foi rápido e pelas quatro e meia aterrávamos no aeroporto de Los Rodeos, também conhecido por Tenerife Norte. Foi um choque, não a aterragem, mas o clima. Saímos de uma ilha cheia de sol, e uma hora depois estávamos numa ilha com nevoeiro cerrado e chuva persistente. De certeza que alguns de nós pensaram em apanhar um voo de regresso a Fuerteventura. Mas nós somos lusitanos, intrépidos viajantes, e não era uma chuvinha que nos iria demover de descobrir Tenerife. Procurámos a nossa nova carrinha, açoitados por uma chuva intensa, e seguimos pela auto-estrada para oeste, em busca de La Orotava, a capital vitivinícola da ilha.

Meia hora depois entrávamos em La Orotava, e uns minutos depois estávamos em frente ao Hotel Rural Victoria. Um hotel num edifício do século XVI, bem conservado, no centro histórico desta lindíssima vila. Nada mau, para uma tarde de dilúvio, temos de agradecer ao dom GPS e ao narrador, que modéstia à parte não conduz mal. Fizemos *check-in*, deixamos as malas e fomos aproveitar os últimos raios de luz e uma certa acalmia na chuva para conhecer um pouco de La Orotava. Deu para dar uma vista de olhos ao Jardim Botânico, mesmo ali ao lado, á igreja de N.S. de la Concepción e ao Jardim Victoria, todos *ex libris* da vila. Ainda ouvimos as primeiras felosinhas-canárias e os primeiros canários-da-terra. Voltámos para o hotel para um pequeno descanso e para descobrir uma cozinha requintada e um vinho local não menos saboroso. Fomos dormir com o paladar em alta e a sonhar com o Teide no dia seguinte.

Dia 5 – Quarta-feira, dia 22 de fevereiro: El Teide

Acordámos com muitas nuvens no céu, mas com o Sol a espreitar. Sabíamos que o dia seria de Sol, mais que não fosse, porque o Teide é um pico vulcânico com 3700 metros de altitude, que nos levaria acima da linha das nuvens. Após o pequeno-almoço saímos na direcção de El Teide, curvas e mais curvas, sempre a subir. Não tardou muito, deixámos as vinhas e campos agrícolas de La Orotava e entramos nos matagais e pinhais da meia-montanha, o denominado Parque Natural de la Corona Florestal. A primeira paragem foi na estrada para a caldeira de Aguamansa, para procurar passeriformes florestais. O pequeno passeio rendeu felosinha-canária e estrelinha-canária, ambos endémicos das Canárias, chapim-azul-africano e canário-da-terra, após os quais seguimos viagem. Mas voltámos a parar pouco depois para ver a Margarita, não a nossa, mas a Margarita de Piedra, uma curiosa formação geológica que lembra uma flor. A terceira paragem foi na zona recreativa de Ramón Caminero, um parque de merendas no meio de uma floresta densa de pinheiro-canário. Aqui a razão da paragem era muito importante, era a terceira endémica do dia. Nada mais, na menos, do que o tentilhão-azul, um dos objectivos mais importantes desta visita de estudo. Concentração no máximo, deslocação lenta, entre os meandros do local, e o bicho ouvia-se, mas teimava em não aparecer. Até que a Cristina disse as palavras mágicas, “Tá ali um!”. E estava mesmo, um macho e depois uma fêmea. Como sempre, deixaram-se ver muito bem e fotografar ainda melhor. Uma ave de uma beleza e tranquilidade extraordinárias. E as nuvens iam e vinham, hora vinha o Sol, hora aparecia o Teide, hora nada disso e chuviscava. Mas a alegria era muita e nada nos aborrecia. Estávamos já a voltar para a carrinha, quando apareceram um picapau-malhado e outro tentilhão-azul, e lá fomos novamente, “huaus” e fotografias. Podíamos ficar ali o dia todo, mas era quase hora de almoço e tínhamos ainda de subir até à caldeira do vulcão.



Tentilhão-azul *Fringilla teydea*. Foto: Nuno Macedo

Continuámos a subir, passámos as nuvens, deixámos o pinhal para trás e entramos no Parque Nacional de las Cañadas del Teide, onde os arbustos dão lugar à rocha vulcânica, negra, rubra, sulfurosa, numa visão lunar, sempre à sombra do enorme Teide. O piquenique foi numa zona arbustiva, com vista para o observatório astronómico de Izaña. A vista era bonita, as aves interessantes (perdiz-mourisca, corre-caminhos e toutinegra-tomilheira), mas o vento era gélido. Tomámos a nossa “bucha” rapidamente e fomos procurar um café na aldeia de las Cañadas del Teide. Após um cafezinho ao sol, estavam restabelecidas a energia e a temperatura, e fomos procurar canários-da-terra, que costumam cantar ao sol do meio-dia. Vimos canário e chapim-azul-africano, ambos bem vistos. Vimos também “os esqueletos” dos tajinastes (*Echium wildpretii*) do ano anterior. Estas plantas com dois metros de altura em forma de torre, são um *ex libris* da caldeira do Teide, mas florescem só em Maio.

Depois da paragem para café, seguimos viagem e atravessámos a enorme caldeira vulcânica, parando em vários miradouros para admirar e fotografar a paisagem absolutamente inebriante. Fomos vendo algumas aves, como picanço-real, corre-caminhos, corvo, peneireiro, mas nada de mais especial. Já na encosta sul do Teide, na zona do Pinar del Chio, fomos explorar o ecossistema mediterrânico da ilha. Ao nível das aves, nada a assinalar. Ao nível da vegetação, esta área é absolutamente deslumbrante. É uma área pedregosa, seca, onde domina uma grande variedade de eufórbias e crassuláceas, salpicadas de amendoeiras em flor. De uma beleza sénica difícil de descrever e um valor florístico certamente muito elevado. O Jorge estava nas suas “sete quintas” no meio de tantas espécies novas de ervas e arbustos, e não era o único. O céu tornou-se negro de chumbo e, perante o adiantado da hora e a ameaça de trovada decidimos fazer o caminho de volta ao hotel. Na volta ainda parámos nos Roques de Garcia, um dos maiores *ex libris* do parque nacional, para admirar a paisagem e tirar umas fotos. Chegamos a La Orotava já com a noite a cair, para mais uma refeição deliciosa e uma noite de merecido descanso.

Dia 6 – Quinta-feira, dia 23 de fevereiro: península de Anaga

Hoje, o último dia inteiro na ilha, seria inteiramente dedicado à Laurissilva, a floresta mágica da macaronésia. Tenerife tem na península de Anaga uma das maiores manchas desta floresta do Mundo, só ultrapassada em área por La Gomera e pela Madeira. Tínhamos como objectivo observar duas espécies endémicas de pombos, numa floresta densa, escura e húmida. Por isso, não seria tarefa fácil. Mas a estratégia estava definida, e era a paragem no maior número possível de miradouros e outros pontos onde pudéssemos observar a passagem de aves, e a permanência durante algum tempo para tentar ver os pombos. Saímos alegres, apanhámos fila na auto-estrada, mas 40 minutos depois estávamos a

entrar nos túneis florestais da Laurissilva de Anaga e logo a seguir estávamos no Mirador de la Jardina, o primeiro do dia. Vimos peneireiro, canário-da-terra, tentilhão e ouvimos codorniz, mas nada de pombos, para além de pombos-domésticos. Estava vento e frio, a paciência já estava esgotada e partimos para o próximo miradouro. À chegada ao Mirador del Inglés entramos numa nuvem e não se via um palmo à frente do nariz, e por isso nem parámos. Seguimos para um curto passeio junto à casa florestal de La Cumbre. Dentro da floresta não víamos nada, para além do verde-escuro da vegetação. Ouvia-mos melro, toutinegra-de-barrete, estrelinha-canária e tentilhão, mas nada de pombos. O passeio valeu pela observação de duas plantas endémicas das Canárias com flores espectaculares, a *Canarina canariensis* e a *Ixoplexis canariensis*. Seguimos para um dos sítios mais conhecidos de pombo-turquesa, uma pequena povoação no alto da serra, chamada El Bailadeiro. Chegados ao local o nevoeiro e a chuvas desencorajaram-nos e decidimos ir tomar café no albergue local, o único sítio onde o servem. O albergue para além de um bar e de informação turística, tem também uma bela varanda, onde teoricamente é possível ver pombos. Ficámos por aí, a beber o café, a olhar para a floresta e para os tentilhões e a pedir aos céus para a nuvens irem embora. De vez em quando vinha um tentilhão ou uns pombos-das-rochas, mas nada do que queríamos. De repente veio um pombo-turquesa e fez aquilo que normalmente fazem, desapareceu rapidamente. Quase ninguém o viu. Foi um momento de grande frustração.

Fomos piquenicar num miradouro no Alto de Las Bodegas, já na orla da Laurissilva, a descer para o mar. Um sítio lindíssimo, com uma variedade incrível de flora, incluindo duas espécies de orquídeas em flor (*Habenaria tridactylites* e *Gennaria diphylla*), os pássaros a cantar e o sol a espreitar. O piquenique prometia. Vimos águia-de-asa-redonda e um pisco-de-peito-ruivo, da subespécie local, com um laranja mais intenso, mas nada das espécies alvo. A Graça viu pombos, mas não tivemos certeza sobre a espécie. Depois de comidas as sanduiches e fotografadas as orquídeas, decidimos tentar novamente o Bailadero. Estivemos por lá uma meia hora e nada. Decidimos descer um pouco até ao Mirador de Taganana, com vista privilegiada para os campos agrícolas, na esperança que os pombos andassem por lá. Estivemos por lá mais de meia hora a espreitar o horizonte e a fotografar a flora diversa e exótica, mas nada de pombos, para além dos das rochas. Decidimos voltar na direcção do hotel, tendo feito mais uma paragem em La Jardina, que resultou uma vez mais em zero pombos da Laurissilva.



Piquenique na laurissilva. Foto: Domingos Leitão

Chegámos ao hotel maravilhados com a laurissilva, mas frustrados com os pombos. Valeu-nos o belo jantar, a boa companhia e a promessa do narrador de tentar encontrar um sítio onde pudéssemos ver pombos na última manhã da visita de estudo.

Dia 7 – Sexta-feira, dia 24 de fevereiro: Barranco de Ruiz e viagem para Lisboa

Tomámos o pequeno-almoço e fechamos as malas, que deixámos no hotel enquanto fomos dar uma mirada a dois sítios não muito longe de La Orotava. Meia hora depois estávamos no Mirador de La Grmona. Um sítio nada especial, na beira da estrada, com vista para o mar e para uns penhascos altos cobertos de uma vegetação arbórea, que não parecia particularmente interessante. Mas decidimos tentar, e foram aparecendo uns pombos-das-rochas e uns peneireiros, que nos mantiveram atentos. De repente veio uma águia-de-asa-redonda a fazer um voo deslizante na crista do penhasco e fez voar dois pombos castanho-escuro com cauda branca. Excitação total, eram pombos-rabil. Um deles pousou, e deixou-se ver com telescópio e tudo. Duas águias-de-asa-redonda andavam por ali e foram levantando os pombos, e durante meia hora vimos pelo menos seis diferentes. Nada mau para um sítio na beira da estrada. Bastante animados, seguimos para a próxima e última paragem da visita, com a ideia que já ninguém nos tirava uma grande última manhã. Chegados ao Barranco de Ruiz, encontrámos um sítio, que mais uma vez, classificaríamos de nada de especial. Um barranco profundo, com vegetação natural nas vertentes, mas completamente cercado por casas e campos agrícolas. Mas a passarada estava muito activa, uma toutinegra-dos-valados e vários canários-da-terra cantavam entusiasticamente, e alguns andorinhões-da-serra voavam dentro do barranco em busca de insectos. De repente passaram dois pombos cinzento-azulado, de cauda comprida, com barra branca e preta terminal, boa, dois pombos-turquesa. Tinha valido a pena, mas o melhor ainda estava para vir. Quando já tínhamos feito a foto de grupo, a passarada esvoaçava aflita e detectamos um falcão a pairar a baixa altitude. Que começou por ser identificado como juvenil de peregrino/tagarote. Mas fez o imenso favor de pousar num ramo seco a escassos sete ou oito metros de nós. O telescópio detectou penas azul-celeste no dorso e penas ruivas na cabeça, não havia dúvida que era um imaturo de falcão-tagarote. Que espectacular última ave desta, não menos extraordinária, visita de estudo. No tal barranco que não era nada de especial. Na observação de aves, definitivamente as aparências enganam e é sempre de esperar o inesperado.



Falcão-tagarote *Falco peregrinoides*.
Foto: Nuno Macedo

Passámos pelo hotel a buscar as malas e a trocar de calçado, e seguimos para o aeroporto de Los Rodeos. Chegámos ainda com tempo de nos despedirmos do Jorge, que ficava mais uns dias nestas ilhas afortunadas, e de comer uma salada de polvo. Pelas três horas o

nosso avião partiu rumo a Madrid, onde tivemos de correr para apanhar o voo de ligação para Lisboa. Mas conseguimos e as malas também. Chegámos a Lisboa pelas oito, felizes e cansados. Dissemos adeus e fomos para casa para um fim-de-semana de descanso e de organização das muitas fotos que foram tiradas em mais uma proveitosa visita de estudo ornitológico da SPEA.



Grupo SPEA 2017, com vista para o Barranco de Ruiz. Da esquerda para a direita: Margarita Gonzalez Pintor, George Everett, Maria da Graça Lima, Cristina Maria Girão Vieira, Maria Teresa Lacasta Macedo, Nuno Branco de Macedo e Domingos Leitão

Lista de aves (59 espécies):

negrito - espécies que não ocorrem em Portugal; ° – espécie ouvida

Garça-branca-pequena
Colhereiro
Pato-real
Marrequinha
Pato-casarca
Britango
Águia-d'asa-redonda
Peneireiro
Falcão-tagarote
Codorniz °
Perdiz-mourisca

Hubara
Galinha-d'água
Galeirão
Pernilongo
Alcaravão °
Corredeira

Egretta garzetta
Platalea leucorodia
Anas platyrhynchos
Anas crecca
Tadorna ferruginea
Neophron percnopterus
Buteo buteo
Falco tinnunculus
Falco pelegrinoides
Coturnix coturnix
Alectoris barbara

Chlamydotis undulata
Gallinula chloropus
Fulica atra
Himantopus himantopus
Burhinus oedicephalus
Cursorius cursor



Foto: DLeitão

Borrelho-de-coleira-interrompida
 Borrelho-peq.-de-coleira
 Perna-vermelha
 Maçarico-das-rochas
 Gaivota-de-patas-amarelas
 Gaivota-d'asa-escura
 Pombo-das-rochas
Pombo-turquesa
Pombo-rabil
 Rola-turca
 Rola-brava
Rola-dos-palmares
 Cortiçol-de-barriga-preta
 Andorinhão-da-serra
 Poupa
 Picapau-malhado
 Calhandrinha-das-marismas
 Andorinha-das-barreiras
 Alvéola-cinzenta
 Corre-caminhos

Charadrius alexandrinus
Charadrius dubius
Tringa totanus
Actitis hypoleucos
Larus michahellis
Larus fuscus
Columba livia
Columba bollii
Columba junoniae
Streptopelia decaocto
Streptopelia turtur
Streptopelia senegalensis
Pterocles orientalis
Apus unicolor
Upupa epops
Dendrocopus major
Calandrella rufescens
Riparia riparia
Motacilla cinerea
Anthus berthelotii



Foto: DLeitão

Tuta-de-ventre-rosado
 Felosinha-comum
Felosinha-canária
 Toutinegra-dos-valados
 Toutinegra-tomilheira
 Toutinegra-de-barrete
Estrelinha-canária
 Pisco-de-peito-ruivo
Caldeireta
 Chasco-cinzento
 Melro
Chapim-azul-africano
 Picanço-real
 Corvo
 Pardal-espanhol
 Tentilhão-comum
Tentilhão-azul
 Pintassilgo
 Pintaroxo
 Canário-da-terra
Trombeteiro

Pycnonotus cafer
Phylloscopus collybita
Phylloscopus canariensis
Sylvia melanocephala
Sylvia conspicillata
Sylvia atricapilla
Regulus teneriffae
Erithacus rubecula
Saxicola dacotiae
Oenanthe oenanthe
Turdus merula
Cyanistes teneriffae
Lanius meridionalis
Corvus corax
Passer hispaniolensis
Fringilla coelebs
Fringilla teydea
Carduelis carduelis
Carduelis cannabina
Serinus canaria
Bucanetes githagineus



Foto: DLeitão

Trigueirão

Miliaria calandra

Mamíferos (3 espécies):

+ - espécimes encontrados mortos

Erinaceus algericus +
Atlantoxerus getulus
Oryctolagus cuniculus

Ouriço-mouro
 Esquilo-terrestre
 Coelho-bravo

Répteis e anfíbios (2 espécies):

Hyla arborea
Gallotia atlantica

Rela-comum
 Lagartixa

Libélulas e libelinhas (2 espécies):

Ischnura saharensis

Anax imperator

Imperador-azul

Borboletas diurnas (5 espécies):

Colias crocea

Euchloe charltonia

Vanessa cardui

Vanessa atalanta

Danaus plexipus

Bela-dama

Almirante-vermelho

Monarca



Foto: DLeitão

Flora (57 espécies, lista incompleta):

Juniperus cedrus

Pinus canariensis

Pinus radiata

Dianthus prolifer

Silene vulgaris

Ranunculus cortusifolia

Myrica faya

Laurus novocanariensis

Mesembryanthemum crystallinum

Cuscuta approximata

Convolvulus caput-medusae

Rumex lunaria

Aeonium urbicum

Aeonium smithii

Prunus dulcis

Crambe laevigata

Oxalis pes-caprae

Chamaecytisus proliferus

Spartocytisus supranubius

Lotus campylocladus,

Euphorbia regis-jubae

Euphorbia canariensis

Euphorbia balsamifera

Ricinus communis

Erica arborea

Tamarix canariensis

Isoplexis canariensis

Kickxia sagittata

Echium wildpretii

Echium virescens

Echium leucophaeum

Nicotiana glauca

Periploca laevigata

Lavandula buchii

Scrophularia glabrata

Viburnum rigidum

Pterocephalus lasiospermus



Foto: DLeitão

Canarina canariensis

Foto: DLeitão

Launea arborescens

Pericallis tussilaginis

Kleinia neriifolia

Carlina xanthemoides

Sonchus canariensis

Sonchus acaulis

Arisarum simorrhinum

Romulea columnae

Agave americana

Aloe vera

Allium roseum

Asphodelus tenuifolius

Scilla haemorrhoidalis

Dracaena dracco

Phoenix canariensis

Habenaria tridactylites

Gennaria diphylla

Orchis canariensis

Arundo donax



Foto: DLeitão



Contactos:

domingos.leitao@spea.pt

alexandra.lopes@spea.pt

www.spea.pt



Roques de García e El Teide. Foto: DLeitão